



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LAÍS DE ALMEIDA SILVA

A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO FALAR GUARABIRENSE

**GUARABIRA
2017**

LAÍS DE ALMEIDA SILVA

A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO FALAR GUARABIRENSE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para a obtenção do título de graduado em Letras - Português.

Área de concentração: Sociolinguística e Dialetoлогия.

Orientador: Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino.

**GUARABIRA
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586c Silva, Lais de Almeida.
A concordância nominal de número no falar guarabireense
[manuscrito] : / Lais de Almeida Silva. - 2017.
40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza
Aquino, Departamento de Letras - CH."

1. Variante. 2. Concordância nominal de número. 3. Fala.

21. ed. CDD 410

LAÍS DE ALMEIDA SILVA


A CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO NO FALAR GUARABIRENSE

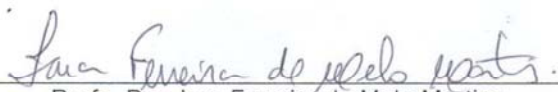
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, como requisito para a obtenção do título de graduado em Letras - Português.

Área de concentração: Sociolinguística e Dialetolegia.

Aprovada em: 07/12/2017.

BANCA EXAMINADORA


Profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Profa. Dra. Iara Ferreira de Melo Martins
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Leônidas José da Silva Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, por toda atenção e carinho a mim destinados, por sempre estarem ao meu lado auxiliando-me a tornar meus sonhos realidade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por Sua benevolência e inestimável amor.

À minha mãe Letícia e meu pai Sebastião, por serem meu alicerce, meu porto seguro em todos os momentos, por me incentivarem e acreditarem em minha capacidade, por terem feito tudo o que estivesse a seu alcance durante suas vidas para que este dia se tornasse realidade.

À minha avó Adélia (*in memoriam*), que se estivesse fisicamente presente estaria muito feliz por mais esta etapa alcançada em minha trajetória, à minha tia Geni, meu primo Josimar e toda minha família pelo apoio e carinho de sempre.

Aos meus amigos, em especial Felipe José, Maria do Carmo e Rafael Gomes, pelo companheirismo e amizade fundamentais, sempre presentes em minha vida.

À minha orientadora Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino pela dedicação e atenção durante o desenvolvimento dos estudos.

Aos professores do Curso de Letras, em especial, Iara Ferreira, Leônidas José, Rosângela Neres, Adriana Sales e Rafael Braz, que contribuíram significativamente com meu crescimento intelectual.

À Marcielly, funcionária da UEPB, por sempre estar disposta a ajudar quando necessário e sempre me receber com uma simpatia inestimável.

Aos colegas de classe, em especial Núbia Correia, Ramom Almeida e Franciana Cecílio, por sempre estarem presentes, por sempre nos apoiarmos uns aos outros e pelos momentos de amizade que levarei por toda vida. Agradeço!

RESUMO

O presente estudo teve o objetivo de analisar o uso variável da concordância nominal de número na fala dos moradores da cidade de Guarabira, interior paraibano. Buscou observar que fatores, e em que proporção, influenciam o uso da variante em estudo pelos falantes de tal região. Para isso, baseou-se no modelo metodológico da Teoria da Variação também conhecido como Sociolinguística Quantitativa, e teve a coleta de dados resultante do Projeto "ASPECTOS VARIÁVEIS DO FALAR GUARABIRENSE", desenvolvido no Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), na cota 2016-2017, na UEPB. Como fundamentação teórica dispôs de estudos de autores como Labov (2008), Scherre e Naro (1998), Mollica (2015), Bechara (2009) dentre outros. Esta pesquisa constatou que os falantes com mais anos de escolarização utilizaram mais a concordância nominal de número, assim como os informantes do sexo feminino, e os falantes mais jovens. Dentre as variáveis linguísticas, constatou-se que a posição do vocábulo dentro do sintagma foi relevante para a aplicabilidade da concordância. Os dados indicaram que a comunidade tem a tendência para a não aplicabilidade da variável analisada.

Palavras-Chave: Variante. Concordância nominal de número. Fala.

ABSTRACT

The actual study had the aim to analyze the variant use of the nominal agreement in the speech of the residents from Guarabira City, paraibano interior. It looked for what factors, and on which proportion, influences the variant usage in studies by the speakers of such region. For this, it was based on the methodological model from the Theory of Variation also known as Sociolinguistics Quantitative, and had the data collect resulting from the project " Variant Aspects of the Guarabirense speaking " , developed in the Projeto de Iniciação Científica (PIBIC) Initiation Scientific Project, on the quota 2016-2017, at UEPB. As theoretical foundation made arranged from the studies of authors such as Labov (2008), Scherre and Naro (1998), Mollica (2015), Bechara (2009) among others. This research verified that speakers with more years of education used more the nominal number agreement, as well as the female informants and the younger speakers . Among the linguistic variants, it was verified that the word position within the syntagma was relevant to a applicability agreement. The data indicated that the community have a tendency for the non-applicability of the variant analyzed.

Keywords: Variant. Nominal number agreement. Speech.

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1	Símbolo de codificação dos dados.....	30
Tabela 1	Aplicação da concordância relacionada ao sexo.....	32
Tabela 2	Aplicação da concordância relacionada à faixa etária.....	33
Tabela 3	Aplicação da concordância relacionada à escolaridade.....	34
Tabela 4	Aplicação da concordância relacionada à posição do vocábulo dentro do Sintagma Nominal.....	35

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	A PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA	15
3	CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO	22
4	METODOLOGIA	28
5	ANÁLISE DOS DADOS.....	32
6	CONCLUSÃO	37
	REFERÊNCIAS	38
	APÊNDICE - QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS	40

1 INTRODUÇÃO

A linguagem, de modo geral, e a língua, em particular, são objetos de estudo de inúmeros pesquisadores. Com o passar do tempo, a língua foi analisada pela linguística sob diferentes pontos de vista, a exemplo da época em que muitos estudiosos estavam voltados para a perspectiva estruturalista, preconizada por Ferdinand de Saussure, diretriz que observava os elementos linguísticos considerando a estrutura; ou quando o foco era a escola gerativista, idealizada por Noam Chomsky, com a observação da língua sob o viés da competência e do desempenho linguísticos.

Por muito tempo, a maioria dos estudiosos da língua não analisava este objeto relacionado à sociedade, e assim não percebia a influência que o meio social sempre exerceu sobre o sistema linguístico. A partir do surgimento da sociolinguística, as pesquisas passaram a considerar efetivamente que o uso da língua estava intrinsecamente relacionado às questões sociais, uma vez que a língua depende da sociedade para existir e a comunidade precisa da língua para efetivar seus processos de interação.

É mediante o olhar da sociolinguística, área da língua que se desenvolve e se expande cada vez mais, que a presente pesquisa se debruça. Temos o objetivo geral de analisar a variável concordância nominal de número presente na fala dos moradores da cidade de Guarabira, localizada na mesorregião do agreste paraibano.

Apresentamos como objetivos específicos investigar se existe um maior uso ou desuso da variável em questão; observar que fatores e em que proporção influenciam a presença ou ausência da concordância nominal de número; além de contribuir para o aumento do banco de dados de fala do Estado da Paraíba, com a apresentação da realidade linguística da cidade. Na Paraíba existem projetos que analisam a fala dos integrantes deste Estado, a exemplo do VALPB - Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (HORA, D.; PEDROSA, J. L. R., 2001).

A presença ou ausência da variável em estudo pode ser prestigiada ou estigmatizada pela sociedade, sendo assim, o conhecimento sobre o que motiva sua aplicabilidade é de fundamental importância para o conhecimento dos educadores, tendo em vista que assim poderão reconhecer com facilidade os pontos de

dificuldade dos alunos e poderão criar práticas e alternativas que facilitem a aprendizagem dos estudantes.

O presente estudo está esquematizado em quatro instantes. Inicialmente fizemos um aparato sobre o aspecto histórico de construção e desenvolvimento dos estudos que culminaram no surgimento da sociolinguística. Em seguida, expusemos elementos teóricos que caracterizam os estudos sociolinguísticos, e verificamos a forma como a gramática normativa aborda o estudo da concordância nominal de número e como os sociolinguistas o fazem. Em seguida, apresentamos os procedimentos metodológicos e, na sequência, a análise dos dados observados. Por fim, as considerações finais e as referências.

2 A PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística é a área que aborda o estudo da língua levando em consideração elementos sociais encontrados nas comunidades e que podem, de forma relativamente intensa, influenciar a produção dos enunciados pelos falantes. Esta área de conhecimento abrange o estudo do contexto social percebido durante o processo de interação entre os indivíduos e busca observar o uso real da língua falada nos contextos reais de fala, e, por conseguinte, as diversas possibilidades desses usos encontradas nos enunciados para mostrar o caráter heterogêneo do sistema linguístico.

As comunidades agregam habitantes com gostos e comportamentos muito diversificados, e essas pessoas criam laços de convivência e amizade com as que apresentam características semelhantes às suas, seja referente à idade, ao sexo, à ocupação profissional, ao grau de escolaridade ou religião etc., e esses fatores influenciam na escolha do vocabulário dos indivíduos. Segundo Scherre (2005, p.42):

As mudanças linguísticas ao longo da vida, em direção ou não à norma de prestígio, são predominantemente provocadas pelos grupos sociais com os quais interagimos, independentemente de ensino formal. Temos necessidade de nos identificarmos com o grupo que nos cerca.

Percebemos o papel influenciador desempenhado pela sociedade no processo linguístico, uma vez que as mudanças lexicais, fonológicas ou sintáticas têm início dentro dos grupos sociais de convivência, independentemente de serem referentes à norma padrão ou aos enunciados mais informais.

Por volta da década de 1960, um estudioso americano conhecido como William Labov iniciou estudos que levaram a uma teoria científica chamada hoje de Sociolinguística Quantitativa ou Teoria da Variação. Labov, embora não tenha sido o primeiro estudioso a considerar a existência da presença do meio social na língua, foi quem delineou a base para o surgimento da teoria. Alguns linguistas anteriores a Labov já haviam considerado a existência do contexto social da língua, a exemplo de membros do Círculo Linguístico de Praga e Mikhail Bakhtin, como comenta Bortoni-Ricardo (2014).

A sociolinguística vem contrapor-se ao gerativismo idealizado por Noam Chomsky, que buscava investigar um falante-ouvinte ideal pertencente à uma língua considerada homogênea. Conforme mostra Tarallo (1985, p.06):

Este falante-ouvinte ideal, no entanto, não parece ser tão “falante-ouvinte”, nem tampouco “ideal”. A cada situação de fala em que nos inserimos e da qual participamos, notamos que a língua falada é, a um só tempo, heterogênea e diversificada. E é precisamente essa situação de heterogeneidade que deve ser sistematizada. Se o caos aparente, se a heterogeneidade não pudessem ser sistematizados, como então justificar que tal diversificação linguística entre os membros de uma comunidade não os impede de se entenderem, de se comunicarem?

Como podemos perceber, o papel de um sociolinguista é buscar descobrir o funcionamento e realizar o estudo de uma língua em uso real, e não ideal, através de informantes reais, que vive situações verdadeiras de comunicação, inserido numa comunidade linguística heterogênea, uma vez que a cada momento de interação as pessoas utilizam-se de uma gama variada de léxicos escolhidos a depender, por exemplo, das circunstâncias em que o processo se dá.

A sistematização da língua falada nos faz compreender que existe um conjunto de regras estabelecido neste campo, e que muitas vezes esse conjunto é desconhecido por parte dos membros das localidades em que se realizam. Tais membros, portanto, tem estas normas internalizadas em seu consciente, adquiridas durante o processo de aquisição da língua materna.

O trabalho desenvolvido pelos sociolinguistas dá-se a partir da observação da variação, que é composta por variantes e variáveis. As variantes são as possibilidades de uso do fenômeno em análise, são as diferentes formas possíveis de se dizer a mesma coisa, numa mesma situação e com o mesmo valor de verdade/de significado. Ao agrupamento de variantes dá-se o nome de variável dependente, que é o objeto de estudo da pesquisa do observador.

As variáveis podem ser consideradas como dependentes, como mencionadas acima, e independentes. As variáveis independentes são os elementos que exercem influência sobre as variantes; também conhecidos como grupos de fatores, ou fatores condicionadores, induzem as variantes em observação ao maior uso ou desuso nos enunciados.

Os grupos de fatores podem ser classificados em variáveis linguísticas ou extralinguísticas/sociais, as primeiras são as referentes ao sistema linguístico, são internas à língua, como o contexto fonológico seguinte, a saliência fônica e a classe

gramatical do vocábulo; as segundas são relacionadas à parte social dos dialetos, a exemplo da classe social dos falantes, faixa etária, ocupação no mercado de trabalho, sexo, escolarização, grau de formalidade e informalidade do contexto de ocorrência do discurso etc.

Segundo Mollica (2015, p. 27):

As variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas, não agem isoladamente, mas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes semanticamente equivalentes. Por exemplo, agentes como escolarização alta, contato com a escrita, com os meios de comunicação de massa, nível socioeconômico alto e origem social alta concorrem para o aumento na fala e na escrita das variedades prestigiadas, admitindo-se que existam pelo menos o padrão popular e o culto.

Entendemos, assim, que durante o estudo do objeto de análise, o sociolinguista não pode de maneira alguma analisar o fenômeno valendo-se da aplicabilidade de um único fator. Não se pode, por exemplo, investigar o uso da concordância nominal de número na fala de moradores de uma determinada comunidade se só se tem as informações referentes ao sexo do informante, ou sobre o tamanho dos vocábulos explorados, uma vez que o trabalho ficaria sem credibilidade. O envolvimento conjunto das variáveis independentes auxiliam na melhor compreensão e criticidade do pesquisador, visto que assim este poderá enxergar a real influência que tais elementos exercem sobre o fenômeno observado.

Por muito tempo alguns pesquisadores não se interessavam em lidar com o estudo da fala, em sua perspectiva heterogênea, em decorrência de determinadas dificuldades encontradas para a realização do estudo. Segundo Labov (2008) alguns desses obstáculos são o fato de a língua apresentar diversas ocorrências agramaticais e isso implicaria numa coleta de dados não muito produtiva.

Outros fatores, ainda segundo Labov (2008), seriam a imensa dificuldade de gravar os dados em decorrência de existirem muitos elementos que poderiam prejudicar uma gravação de boa qualidade, a exemplo de ruídos na rua, e aqui entenda-se por boa qualidade uma gravação em que se consegue distinguir nitidamente os traços linguísticos pronunciados; ou a grande variedade de enunciados e formas linguísticas encontradas nas sociedades linguísticas etc.

Na atualidade, esses elementos não são considerados grandes empecilhos para que um estudioso desista de sua pesquisa, uma vez que, com o passar do

tempo foram desenvolvidas técnicas e meios para a facilitação do desenvolvimento dos trabalhos.

Durante a segunda metade do século XX, Willian Labov desenvolveu diferentes estudos sobre a variação na língua falada, na tentativa de mostrar e analisar o quanto a língua é heterogênea e sofre influência do meio. Um desses estudos, conforme Labov (2008) é a pesquisa realizada em 1962 em Manhattan, Nova Iorque, em três lojas de departamento com o objetivo de observar o uso do /r/ na fala dos vendedores de tais estabelecimentos.

Os estudos sociolinguísticos trabalham com o dialeto, ou seja, a variação encontrada dentro de uma comunidade, examinando a escolha pessoal de cada informante, isto é, o idioleto, de acordo com os grupos de fatores relevantes. O idioleto, além de caracterizar o objeto de estudo, prova a oposição encontrada na sociolinguística referente às escolas linguísticas anteriores, como bem nos mostra Labov (2008, p. 225) ao afirmar que:

O uso do termo “dialeto” nas discussões sobre a variabilidade dos julgamentos é difícil de justificar. Não se oferece nenhuma prova das diferenças entre os julgamentos em dois conjuntos sistemáticos de regras usados por dois grupos de falantes; o que observamos são diferenças individuais de opinião sobre pontos isolados. Como veremos, os indivíduos não são de modo algum consistentes de um julgamento para o outro. Surge a questão: o que está sendo descrito? Na busca de um objeto homogêneo que se adapte às exigências e suposições do modelo saussuriano, os linguistas gradualmente restringiram seu foco a segmentos de língua cada vez menores. Assim, Bloch introduziu o termo “idioleto” para representar a fala de uma pessoa falando sobre um mesmo assunto para a mesma pessoa por um período curto de tempo (1948).

No exame do fenômeno linguístico, essas escolhas lexicais, muitas vezes, são marcadas socialmente, e podem ser classificadas como padrão X não-padrão, em que as formas-padrão são as encontradas nas gramáticas normativas e as não-padrão são as utilizadas no cotidiano informalmente, ou seja, não previstas na normatividade linguística.

Existem também as escolhas que são classificadas como conservadoras X inovadoras, sendo as primeiras as que já fazem parte da comunidade há um certo tempo e as inovadoras são as surgidas mais recentemente; e as de prestígio X estigmatizadas, aquelas constituem as que são geralmente usadas pelas camadas altas da sociedade e encontradas nos meios tidos como cultos, contrariamente ao que acontece com as estigmatizadas, consideradas como usadas pelas classes baixas e também em situações informais.

Conforme Tarallo (1985, p. 12),

Em geral, a variante considerada padrão é, ao mesmo tempo, conservadora e aquela que goza do prestígio sociolinguístico na comunidade. As variantes inovadoras, por outro lado, são quase sempre não-padrão e estigmatizadas pelos membros da comunidade.

Vemos, porém, que nem sempre o padrão seguido pelas variantes é o mostrado acima. O uso de uma determinada variável pode acontecer seguindo um padrão em certa localidade, e em outra região proceder do modo inverso, como apresenta, ainda, Tarallo (1985) quando exemplifica com um estudo de Labov que mostrou a aplicabilidade do /r/ na cidade de Nova Iorque, em que a permanência da variante na pronúncia dos informantes permitiu a conclusão de que essa manutenção era considerada de prestígio, e o apagamento, conseqüentemente era estigmatizado.

Tarallo (1985) comparou esse estudo de Labov com uma pesquisa realizada na Inglaterra. Neste estudo britânico os dados apontaram para o inverso, ou seja, a variante considerada como de prestígio era a ausência do /r/ pós-vocálico, enquanto a realização deste fonema era considerada estigmatizada pelos membros da comunidade linguística.

Para a realização da pesquisa sociolinguística, o primeiro passo é a escolha do fenômeno a ser observado, em seguida, o pesquisador escolhe a comunidade de análise e seleciona os informantes a serem entrevistados. Durante a realização das entrevistas, o estudioso irá tentar colher a língua falada em seu estado vernáculo, isto é, sem interferência de outras localidades/ outras regiões, o estado da língua em que o interlocutor dialoga sem se preocupar com o modo como está falando. A esse respeito Tarallo (1985, p. 19) informa:

Em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (*o que*) sem a preocupação do *como* enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao *como* da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como o vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística. Evidentemente aquele material que não apresente as características do vernáculo poderá ser utilizado na análise sociolinguística, caso o pesquisador saiba caracterizá-lo devidamente e desde que ele o aproveite com novas hipóteses.

A língua, como sabemos, possui caráter extremamente heterogêneo e diversificado, em que formas diferentes são encontradas na fala de informantes com, por exemplo, idades diversificadas e classes sociais distintas, nas mesmas

situações. Assim, é possível afirmar que existe uma diferença de estilo encontrada nos enunciados produzidos entre as pessoas, e até mesmo nos discursos elaborados por um único falante, como nos mostra Labov (2008, p.243) quando defende que:

Tanto quanto podemos ver, não existe falante de estilo único. Alguns informantes exibem um espectro de alternância estilística mais amplo que outros, mas todo falante que encontramos exhibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social e o tópico (capítulo 3). Algumas dessas mudanças podem ser detectadas qualitativamente nas pequenas autocorreções do falante, que vão quase sempre numa mesma direção.

Podemos ver que a fala e a escolha lexical das pessoas não mudam somente de um grupo social para outro, ou de um cidadão para outro, mas também ocorre nas escolhas realizadas nos enunciados de um mesmo falante, a depender do contexto em que se encontre. O monitoramento, isto é, a atenção dedicada ao momento de fala é um dos fatores que mais dificulta o trabalho do sociolinguista, uma vez que ele necessita coletar uma amostra de dados em que os falantes não estejam atentos ao modo como falam.

Em meio à variedade vemos que as variantes podem estar em processo de coexistência ou de batalha. De acordo com Tarallo (1985, p. 64) percebemos que:

Nem tudo o que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. Variação, portanto, não implica mudança; mudança, sim, implica sempre variação. Mudança é variação! Os resultados de análises de variantes apontam para duas direções distintas: 1. a estabilidade das adversárias (situação a que nos referimos no capítulo 1 como "relação de contemporização" pela subsistência e/ou coexistência das variantes); 2. a mudança em progresso (que reflete uma situação de duelo de morte entre as variantes). Nos dois casos há luta: cada variante dispõe de certas armas (isto é, os grupos de fatores condicionadores, lingüísticos ou não-lingüísticos) para combater sua(s) adversária(s).

As variantes, sejam binárias ou eneárias, estarão sempre em processo de coexistência, isto é, quando uma não se sobressai sobre a outra, quando os níveis de ocorrência entre ambas são muito parecidos, e, conseqüentemente, uma determinada variante não cairá em desuso para que outra se sobressaia, ou estarão em processo de mudança linguística, que significa o momento em que duas ou mais variantes estão lutando para que uma deixe de ser usada e a outra seja a alternativa vitoriosa.

Desta forma, percebemos que o trabalho da Sociolinguística é de extrema importância para o conhecimento do comportamento linguístico encontrado nas

comunidades. Em seguida, veremos algumas particularidades referentes à concordância nominal de número tanto da perspectiva gramatical quanto sociolinguística.

3 CONCORDÂNCIA NOMINAL DE NÚMERO

No presente capítulo encontraremos definições sobre concordância e mais especificamente a respeito da concordância nominal de número, além de percebermos algumas caracterizações referentes ao modo como gramáticas normativas e estudos sociolinguísticos trabalham a análise deste elemento linguístico, na tentativa de mostrar que existem diferentes possibilidades de estudo para um mesmo fenômeno.

A concordância é um elemento linguístico muito estudado tanto pelas gramáticas normativas quanto pela sociolinguística, e corresponde ao ajuste realizado dentro dos enunciados entre as palavras determinantes e as determinadas, além disso, pode ser classificada como nominal ou verbal, como reforça Cegalla (2008, p. 438) ao afirmar que:

Concordância é o princípio sintático segundo o qual as palavras dependentes se harmonizam, nas suas flexões, com as palavras de que dependem. Assim:

- a) Os adjetivos, pronomes, artigos e numerais concordam em gênero e número com os substantivos a que se referem (*concordância nominal*);
- b) O verbo concordará com o sujeito da oração em número e pessoa (*concordância verbal*).

A concordância nominal (CN) de número é o aspecto da língua que analisa a adaptação entre as palavras determinantes e as determinadas quanto à pluralidade dentro de um sintagma nominal (SN). Conforme Silva e Koch (2001, p.14), o sintagma “consiste num conjunto de elementos que constituem uma unidade significativa dentro da oração e que mantém entre si relações de dependência e ordem.”, o sintagma nominal, mais especificamente, constitui um conjunto de elementos que mantém essas relações referentes ao caráter nominal.

Os SN são caracterizados por uma estrutura formada por palavras determinantes e por vocábulos determinados, também chamados de núcleos. Estes últimos podem ser compostos por nomes ou pronomes, e os determinantes são formados, por exemplo, por artigos, pronomes demonstrativos ou possessivos, podendo ser formados por uma única palavra (simples) ou por dois ou mais vocábulos (complexos). Ainda de acordo com Silva e Koch (2001, p.17):

Funcionam como elementos-base de um determinante complexo em português, o *artigo* e o *demonstrativo*, que são, portanto, mutuamente exclusivos (*todos os alunos, estes dois meninos, todos os meus livros*); não

havendo nem artigo, nem demonstrativo, um possessivo poderá vir a ocupar a posição de determinante-base: meus três livros; nossos bons companheiros.

Vejamos, agora, como gramáticas normativas, que trazem exemplos da modalidade escrita, e também estudiosos da sociolinguística, que apresentam exemplificações da modalidade oral, abordam o estudo da concordância nominal dentro dos sintagmas nominais.

A **Moderna Gramática Portuguesa**, de Evanildo Bechara, como todas as gramáticas prescritivas, estabelece normas para o uso da CN, normas que devem ser seguidas pelas pessoas que se utilizam da língua portuguesa, sob a justificativa de que tais formas definidas pela gramática são a maneira correta de se falar e escrever bem.

Os estudiosos dessa vertente analisam somente a variedade padrão, também considerada como de prestígio e conservadora, classificando qualquer outra possibilidade que fuja a essas regras como um erro linguístico. Assim nos mostra Bechara (2009, p.550) quando diz que “estão erradas concordâncias como: *Paisagens as mais belas possível.*”, uma vez que não se aceita a possibilidade do uso de variantes não-padrão.

No tópico que aborda a CN, na gramática de Bechara (2009), encontramos diversas frases utilizadas para exemplificar a aplicabilidade das normas. Tais frases apresentaram-se descontextualizadas, soltas, como fragmentos de um enunciado maior; como percebemos nos seguintes exemplos de Bechara (2009, p. 544) “ ‘Aflige-nos a glória *alheia contestada* com a *nossa* insignificância.’ [MM].; ‘Os *bons* exemplos *dos pais* são *as melhores* lições e a *melhor* herança para os filhos. [MM].’; ‘Eu amo a noite *solitária* e *muda*.’” Vemos que os enunciados citados não apresentam informações a respeito da situação em que ocorreram, não dão pistas ao leitor para que se possa compreender as circunstâncias em que foram produzidos.

Outro aspecto encontrado nesta gramática é o de que as regras sobre a CN são divididas em três categorias, a saber: concordância de palavra para palavra, concordância de palavra para sentido e outros casos de concordância nominal. A primeira parte aplica-se com relação à quantidade de palavras determinantes e determinadas encontradas no sintagma nominal, ou seja, são as regras para situações em que existe no SN um determinante e uma palavra determinada

(núcleo), ou mais de um determinante e um núcleo simples, e ainda, casos em que existe núcleo composto. Para exemplificar temos em Bechara (2009, p. 456) “‘e os *cronistas tudense e toledano* fazem a luta dos dous reis depois daquele consórcio’ [AH.6, III, 86].” para o caso da existência de mais de um determinante.

Sobre a concordância de palavra para sentido, a concordância nominal de número, neste caso, não depende dos vocábulos encontrados no sintagma nominal, mas do sentido geral trazido pelo enunciado observado. Conforme Bechara (2009, p. 546) “A palavra determinante pode deixar de concordar em gênero e número com a *forma* da palavra determinada para levar em consideração, apenas, o *sentido* em que esta se aplica: o (vinho) *champanha*, o (rio) *Amazonas*.”.

Nas outras situações em que existem ocorrências de CN de número mostradas no manual são apresentadas regras a respeito do uso de alguns advérbios, adjetivos e pronomes. Para exemplificar, vemos o uso de “meio” quando usado como adjetivo. Segundo Bechara (2009, p. 549):

7) Meio - Com o valor de ‘metade’, usado adjetivamente, concorda em gênero e número com o termo determinado, claro ou oculto:
 “Para aquilatar a importância do tropeiro, basta lembrar que o Brasil tem cerca de oito e *meio* milhões de quilômetros quadrados de superfície...”
 Era *meio-dia* e *meia* (i.é: e meia hora).

As explicações dadas na gramática observada são sempre objetivas e diretas, portanto, tem o intuito de esclarecer e preceituar a fixação da regra padrão pelos participantes das comunidades linguísticas da forma mais simples possível, assim como objetivam as normas da constituição brasileira, fazendo-se entender de forma clara e sem distorções.

Em concordância com esse preceito, encontramos também a **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**, de autoria de Domingos Paschoal Cegalla (2008). Este manual também dita regras para o bem falar e escrever, baseia-se nos bons escritos da alta literatura e, assim como a de Bechara, só aceita como corretas as possibilidades de enunciados de acordo com as normas encontradas em suas páginas.

Da mesma forma que a **Moderna Gramática Portuguesa**, de Bechara (2009,) a gramática de Cegalla (2008) também apresenta uma linguagem objetiva e direta. Possui um vocabulário de fácil entendimento, o que facilita a absorção do conteúdo. Diferentemente da de Bechara (2009), a **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa** classifica os preceitos não segundo o conteúdo ou a

quantidade de palavras determinadas e determinantes, mas conforme as funções sintáticas desempenhadas pelos vocábulos dentro dos sintagmas nominais. Como exemplificação temos uma parcela das regras da concordância dos pronomes relacionados aos nomes, assim apresentada em Cegalla (2008, p.442):

O pronome, quando se flexiona, concorda em gênero e número com o substantivo a que se refere:
 “Martim quebrou um ramo de murta, a folha da tristeza, e deitou-o no jazigo de sua esposa.” (JOSÉ DE ALENCAR)
 “O velho abriu as pálpebras e cerrou-as logo”. (JOSÉ DE ALENCAR)

Quanto aos exemplos, as frases descontextualizadas e incompletas também estão presentes nas páginas da gramática de Cegalla (2008), como em “Escolheste **mau** lugar e hora...(ALEXANDRE HERCULANO)” (p.439); “... esses números nada têm de **precisos**. (JOSUÉ DE CASTRO)” (p.439); e “... e o resultado obtido foi uma apresentação com movimentos os mais espontâneos **possíveis**. (RONALDO MIRANDA)” (p. 444).

Os dois manuais prescritivos apresentam características muito similares, mas também mostram aspectos distintos, como o modo de classificação das regras da CN e a linguagem, em que o de Cegalla (2008) tende a ser mais simples quanto ao vocabulário e conseqüentemente quanto à leitura para os usuários da língua portuguesa.

Com relação à sociolinguística, vemos que os autores que se debruçam sobre o estudo da concordância nominal de número analisam tal objeto por uma perspectiva diferente da dos gramáticos normativistas. Maria Marta Pereira Scherre e Anthony Julius Naro são exemplos de autores sociolinguistas engajados na pesquisa sobre a CN na fala dos moradores de algumas comunidades linguísticas.

O trabalho intitulado **Sobre a Concordância de Número do Português Falado do Brasil**, de Scherre e Naro (1998), buscou analisar como essa concordância procedia, na época, no falar dos brasileiros tanto sob a perspectiva nominal quanto verbal e referente aos predicativos e participios passivos. Teve, portanto, o intuito de discorrer a respeito da CN de número, buscando mostrar que essa variação corresponde a um sistema perfeito, com a apresentação, para isso, da proporção do uso e desuso da concordância de número na região analisada, observando os resultados e relacionando-os a variáveis estruturais e sociais, assim como pretendeu abordar algumas observações sobre tal concordância na escrita padrão.

Os autores começam o relato sobre a pesquisa reconhecendo a existência de variantes dentro da concordância nominal, fato que diferem das constatações realizadas pelos estudiosos das gramáticas normativas. Os sociolinguistas buscam a variação, e em meio às diferentes possibilidades de uso do fenômeno desenvolvem suas atividades.

Scherre e Naro (1998), em seu estudo, corroboram a existência da variação quando afirmam que o Português usado no Brasil, de modo diferente do de Portugal apresenta sistematicidade na variação, com a existência de pelo menos duas variantes para cada processo variacionista, a saber, a presença e a ausência da variável em uso, e mostra exemplos de casos de variação na concordância nominal de número, na variação entre os predicativos e os participios passivos, e na concordância realizada entre os verbos e os sujeitos.

Os autores realizaram uma análise geral sobre os tipos de concordância acima citados na fala de 64 informantes residentes no Rio de Janeiro, e observaram os dados coletados sob o viés das variáveis sexo, faixa etária, nível de escolarização, saliência fônica e posição do vocábulo dentro do sintagma, com um total de 60 min de duração para cada gravação de voz

Em relação à concordância nominal de número nos SN, os autores concluíram que quanto maior for a saliência encontrada nos vocábulos observados, maior é a tendência para a permanência da concordância.

Para a análise da saliência fônica foram utilizadas duas perspectivas, a que considera a saliência em decorrência da quantidade do material fônico que forma a oposição singular vs. plural, e a que leva em conta a permanência ou a falta de acento na desinência.

Sobre a posição das palavras analisadas no SN foram observados tanto os vocábulos com a função de núcleo como os que não são nucleares. Para os núcleos foi constatado que quando estão presentes na posição inicial do sintagma favorecem a presença da concordância, assim também acontece com os elementos não nucleares que, quando estão à esquerda das palavras nucleares, tendem a apresentar a CN de forma explícita.

Referente às variáveis sexo, escolaridade e faixa etária, os autores constataram que as mulheres tem maior tendência que os homens ao uso da concordância em estudo; os falantes com mais anos de escolaridade também utilizam mais a CN, assim como os informantes que apresentam uma idade

favorável à melhor produção profissional. Concluíram que esses fatores extralinguísticos mostram uma estabilidade da variável concordância.

Em decorrência do que acabamos de discutir, percebemos que os estudos realizados pela sociolinguística e os ideais estabelecidos pelos gramáticos têm pontos de vista muito diferenciados. Em suma, a sociolinguística aborda o estudo da variação observando o contexto em que os enunciados são produzidos, na busca de encontrar a razão para os fenômenos que pesquisam, considerando como objeto de estudo variantes que não se restringem à forma padrão, além de não distinguir o conceito de certo e errado; diferentemente do que se encontra nas gramáticas normativas, que tem como objeto de análise a norma culta, classificando-a como a única possibilidade aceitável/correta, para o uso linguístico.

4 METODOLOGIA

A metodologia do presente estudo está baseada na Sociolinguística Quantitativa, ou seja, na base teórica que observa os elementos linguísticos com o auxílio de dados estatísticos para a análise quantitativa e qualitativa do fenômeno. Os dados coletados para a realização dessa pesquisa são constituídos por uma parcela de material utilizado em um projeto de pesquisa intitulado **Aspectos Variáveis do Falar Guarabirense**, desenvolvido durante a Cota 2016-2017 do Projeto de Iniciação Científica (PIBIC), no Campus III, da Universidade Estadual da Paraíba, sob orientação da profa. Dra. Maria de Fátima de Souza Aquino.

Como *corpus* para essa pesquisa é utilizado um recorte com o total de vinte e quatro entrevistas realizadas com o auxílio de um questionário (Cf. apêndice, p. 40) para guiar o diálogo entre entrevistador e entrevistado, e um gravador de voz para o armazenamento dos dados.

Um fator importante para o processo de coleta é o fato de buscarmos colher a língua em situações em que os entrevistados não estejam atentos ao modo como produzem seus enunciados, mas ao que falam, que assuntos emitem, é a língua despreendida da atenção do emissor. Para isso, procuramos deixar os informantes o mais a vontade possível, com o objetivo de fazê-los esquecer de que estavam sendo observados.

O *corpus* da coleta de dados foi assim organizado:

1. Sexo

- Masculino - 12 informantes
- Feminino - 12 informantes

2. Faixa etária

- 15 a 25 anos - 08 informantes
- 26 a 49 anos - 08 informantes
- Mais de 50 anos - 08 informantes

3. Anos de escolarização

- De 05 a 09 anos - 12 informantes
- Mais de 09 anos - 12 informantes

Após a coleta de dados, houve a compactação desses, que envolveu a transcrição dos vocábulos, observando o fenômeno linguístico em análise, ou seja, o uso ou desuso da variável concordância nominal de número dentro dos sintagmas nominais, e o conseqüente processo de codificação de tais vocábulos.

Em seguida, os dados codificados foram expostos ao GoldValb X (SANKOFF, TAGLIAMONTE & SMITH, 2005), um programa computacional que tem por objetivo auxiliar os estudos referentes à variação linguística formulando percentagens, quantificando os dados.

Inseridas as codificações, o programa gera o somatório de todas as ocorrências e ausências da variável em estudo, de acordo com as variáveis independentes estabelecidas, além de produzir os pesos relativos correspondentes às ocorrências das variantes em análise a partir também das variáveis. Com base nas informações obtidas pelo GoldVarb X, pudemos construir tabelas a serem analisadas nas discussões deste estudo.

Posteriormente à quantificação, realizamos a análise dos dados com o estudo dos textos do aporte teórico e a comparação das variantes estudadas com as variáveis sociais: escolarização, faixa etária e sexo; e com as variáveis linguísticas saliência fônica, posição do vocábulo dentro do sintagma nominal, tamanho do vocábulo e tamanho do sintagma nominal, para estabelecer o nível de influência que possuem sobre o uso da concordância nominal de número.

As variáveis sociais foram classificadas em sexo, faixa etária e escolaridade como já mencionado acima. As variáveis linguísticas, por sua vez, foram assim estabelecidas:

1. Saliência Fônica:

- Mais salientes (a reunião/ as reuniões)
- Menos salientes (o menino/ os meninos)

2. Posição do vocábulo dentro do Sintagma Nominal:

- Inicial
- Medial
- Final

3. Tamanho do vocábulo:

- Pequeno
- Intermediário
- Grande

4. Tamanho do Sintagma Nominal:

- Formado por um vocábulo
- Formado por dois vocábulos
- Formado por três ou mais vocábulos

Para melhor visualização do trabalho realizado com os dados, segue o quadro com os símbolos da codificação dos dados e seus respectivos significados:

QUADRO 1 - SÍMBOLOS DE CODIFICAÇÃO DOS DADOS

F = Feminino
M = Masculino
j = 15 a 25 anos
a = 26 a 49 anos
v = Mais de 50 anos
B = Fundamental
C = Médio
n = Mais saliente
p = Menos saliente
i = Posição inicial
m = Posição medial
f = Posição final
e = Vocábulo com uma sílaba
o = Vocábulo com duas sílabas
k = Vocábulo com três ou mais sílabas
x = SN formado por um vocábulo
t = SN formado por dois vocábulos

g = SN formado por três ou mais vocábulos

Fonte: Elaborado pela autora.

5 ANÁLISE

Expostas as informações sobre o processo metodológico, veremos agora a análise dos dados a respeito do uso da concordância nominal de número no falar dos moradores da cidade de Guarabira. A análise estatística, por meio do programa computacional GoldVarb X selecionou como relevantes para o estudo as variáveis sexo, faixa etária, nível de escolarização e posição do vocábulo dentro do sintagma nominal.

A análise estatística selecionou como relevantes para o estudo as variáveis escolarização, faixa etária, sexo e posição do vocábulo dentro do sintagma nominal. De um total de 536 ocorrências de sintagmas nominais, em 150 houve aplicação de concordância nominal, correspondente a 28% dos casos, e em 386 houve a não aplicação da concordância, contabilizando 72% das ocorrências.

Passemos, a seguir, à apresentação das tabelas e discussão dos resultados.

Tabela 1 - Aplicação da concordância relacionada ao sexo

Fatores	Aplic./Total	%
Feminino	105 / 294	35.7
Masculino	45 / 242	18.6

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tabela 1, percebemos a aplicabilidade, isto é, a quantidade de vezes em que houve a permanência da concordância nominal de número, referente ao sexo dos informantes. Nos falantes do sexo feminino, de 294 ocorrências de sintagma nominal, em 105 ocorreu a permanência da concordância, com uma frequência em um total de 35.7%, percentual contabilizado pelo GoldVarbX; quanto ao sexo masculino, de 242 SN encontrados, em apenas 45 houve a aplicabilidade da concordância, com 18.6% dos casos.

Desta forma, podemos concluir que os informantes femininos, de modo geral, têm maior tendência para utilização da variável em estudo do que os falantes masculinos, fator que pode ser explicado, por exemplo, pelo fato da sociedade esperar que as mulheres tenham um comportamento mais padrão e conservador, o

que faz a escolha lexical e as construções de seus enunciados aproximarem-se da norma culta.

Em conformidade com nossos resultados, tanto a análise de Scherre e Naro (1998), quanto a de Lopes (2014) e Martins (2010) concluíram que os dados indicaram a mesma situação. Assim, podemos compreender que é um fator geral, independente da região em que os estudos foram desenvolvidos e do ano da coleta de dados.

Flávia Santos Martins desenvolveu seu estudo com o intuito de observar a fala dos moradores da cidade de Benjamin Constant referente à CN de número, e com relação ao sexo dos informantes, Martins (2014, p. 52) concluiu que “as mulheres apresentam mais o uso da variante padrão, ou seja, fazem uso da concordância nominal de número.

Lopes (2014) mostrou que em seus dados 64% das mulheres utilizaram a concordância em detrimento dos homens que totalizaram 58,1%. A autora mostrou que “as mulheres favorecem mais o uso da marcação de plural padrão, alinhando-se com o primeiro princípio laboviano, acerca do paradoxo do gênero, como discutido em linhas anteriores.” (p. 102)

Já Scherre e Naro (1998) justificaram as ocorrências de CN mais marcadamente na oralidade das mulheres com a defesa de que isso ocorre porque as mulheres tendem a seguir mais as regras da sociedade em que vivem e são mais receptivas às regras da norma padrão.

Tabela 2 - Aplicação da concordância relacionada à faixa etária

Fatores	Aplic./Total	%
De 15 a 25 anos	60 / 151	39.7
De 26 a 49 anos	75 / 206	36.4
Mais de 50 anos	15 / 179	8.4

Fonte: Elaborada pela autora.

Na tabela 2, vemos a influência que a faixa etária exerce sobre o uso do fenômeno em estudo. Na fala dos entrevistados com idade entre 15 e 25 anos

(jovens), de 151 sintagmas identificados, 60 apresentaram a permanência da concordância nominal de número, com 39.7% dos casos; entre os informantes na faixa de 26 a 49 anos (adultos), dos 206 SN constatados, 75 tiveram aplicabilidade, com 36.4%; já na fala dos falantes com mais de 50 anos de idade (idosos), apenas 15 dentre os 179 casos de sintagma nominal conservaram a concordância, com 8.4% de ocorrência.

Constatamos que os falantes jovens são os que mais utilizam a concordância, seguidos dos adultos e dos idosos, respectivamente. Assim, compreendemos que os mais novos estão mais atentos à aplicabilidade dessa norma gramatical.

Segundo Lopes (2014, p. 100):

Observa-se que a marcação do plural, na região rural de Santa Leopoldina, é mais presente na fala dos mais jovens. Diante disso, concluímos que os leopoldinenses estão vivenciando um processo de aquisição da concordância no sintagma nominal. Organizamos nossos resultados em forma de gráfico para que esse fenômeno pudesse ser mais perceptível aos olhos de nosso leitor.

Lopes (2014), que desenvolveu uma pesquisa para observar a influência de alguns fatores sobre a fala dos moradores da zona rural de Santa Leopoldia/ES, em seu trabalho intitulado **A concordância nominal de número no português falado na zona rural de Santa Leopoldina/ES**, descobriu, em concordância com a constatação de nossos dados, que os falantes mais jovens tendem a utilizar-se mais da concordância de número do que os adultos e idosos.

Tabela 3 - Aplicação da concordância relacionada à escolaridade

Fatores	Aplic./Total	%
De 05 a 09 anos	22 / 277	7.9
Mais de 09 anos	128 / 259	49.4

Fonte: Elaborada pela autora.

Mediante a leitura da tabela 3, encontramos o grau de interferência da escolaridade quanto ao uso ou desuso da concordância nominal de número. Entre os falantes na faixa de 05 a 09 anos de escolarização, correspondente à segunda fase do ensino fundamental (nomeado para o presente estudo como fundamental),

de 277 SN encontrados, em somente 22 houve aplicabilidade, com percentagem igual a 7.9%; já entre os informantes com mais de 09 anos de escolaridade, ou seja, com nível escolar a partir do 1º ano do ensino médio (aqui intitulado médio), de 259 sintagmas, em 128 ocorreu o uso da variável, com 49.4%.

Compreendemos, então, que o nível de escolarização médio tem maior força e ação sobre o uso da variável, em detrimento da influência do nível de ensino fundamental, isto é, quanto maior o nível de escolaridade do informante, maior é o emprego da CN. Essa influência pode ser justificada pelo fato de a escola ainda ter o foco de ensino voltado para o trabalho com a gramática normativa.

Conforme Lopes (2014, p. 103):

Frisamos que nossa expectativa era que o aumento da presença de marca na fala dos informantes fosse igualmente proporcional ao aumento dos anos de escolarização. Assim, como esperado, os informantes do ensino fundamental II utilizam um pouco mais a concordância do que os do fundamental I.

Da mesma forma que Lopes (2014) constatou o aumento proporcional do uso da variável de acordo com o maior acesso à escolarização entre o fundamental I e II, também pudemos perceber este fato em nosso estudo com relação ao fundamental (correspondente às séries do ensino fundamental II) e o nível médio. Em consonância com nosso estudo, Scherre e Naro (1998) afirmaram que a justificativa para a presença da marca de concordância ser mais encontrada na fala dos informantes com mais acesso à educação era o contato dos falantes com as normas gramaticais.

Ainda sobre a variável escolaridade, vemos que Beserra (2004, p. 264) também corrobora com esse pensamento ao afirmar que “Os resultados obtidos confirmaram a influência exercida por essa variável social, como condicionante no uso da concordância nominal de número.”. Assim como os autores citados anteriormente, Beserra (2004) também concluiu que a escolaridade é um fator influenciador da aplicabilidade da concordância nominal de número.

Tabela 4 - Aplicação da concordância relacionada à posição do vocábulo dentro do Sintagma Nominal

Fatores	Aplic./Total	%
Inicial	7 / 10	70

Medial	6 / 30	20
Final	137 / 496	27.6

Fonte: Elaborada pela autora.

Referente à tabela 4, verificamos a ocorrência da variável com relação à posição que o vocábulo analisado ocupa dentro do sintagma nominal. Na posição inicial, vemos que de 10 SN, em 7 houve a permanência da concordância, com 70% dos casos; quando em posição medial, de 30 sintagmas, em 6 a aplicabilidade permaneceu, com um total de 20%; já quando em posição final no SN, de 496 casos, em 137 a concordância foi efetivada, com percentagem de 27.6%,

Concluimos, assim, que quando o vocábulo, mais especificamente o vocábulo que apresenta a função de núcleo do sintagma, está em posição inicial, o uso da concordância nominal de número ocorre mais vezes, como em “**pessoas** erradas” e “**pesquisas** domiciliares”; em detrimento da posição final, como no caso de “nos **outros**” ou em “os **trabalhadores**”; e da medial, a exemplo de “das **coisas** antigas” e “aqueles **canos** estourados”.

Coincidindo com o diagnóstico acima, encontramos as considerações de Scherre e Naro (1998) que, assim como nós, observaram a permanência da concordância quando o núcleo estava presente na posição inicial do sintagma nominal. Os autores também trabalharam com a análise dos vocábulos que não possuíam a função de núcleo, constatando que os elementos encontrados à esquerda do núcleo mantinham o emprego da CN de número.

Mediante estas observações, concluimos que as variáveis extralinguísticas são importantes e imprescindíveis para o estudo dos fenômenos linguísticos. Percebemos, assim, que os falantes com mais anos de escolarização, de faixa etária mais jovem e do sexo feminino foram os que mais utilizaram-se da CN de número, o que faz com que estes fatores sejam considerados pertinentes e relevantes para o estudo. Além destes fatores extralinguísticos, a variável linguística núcleo em posição inicial favoreceu o uso da concordância nominal de número.

6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve o objetivo de analisar o uso variável da concordância nominal de número encontrada na fala dos moradores da cidade de Guarabira.

Com a análise dos dados coletados verificamos que os informantes mais escolarizados foram os que mais empregaram a concordância nominal de número, visto que tem mais acesso à norma padrão, assim como as mulheres, que utilizaram a variável em maior quantidade que os homens, tendo em vista que o sexo feminino tende a seguir mais as normas padrão. Com relação à faixa etária, os mais jovens aplicaram a CN de número mais que os adultos e idosos, uma vez que se encontram mais atentos à aplicabilidade dessa variável, pois estão em constante contato com as normas linguísticas dentro das escolas, por estarem na fase de dedicação ao processo de ensino, e assim, mais adeptos ao uso da concordância.

Percebemos que, de modo geral, os moradores da cidade de Guarabira tendem a não utilizar a concordância nominal de número em situações informais de comunicação, assim, costuma utilizar a variante não-padrão estigmatizada pela gramática normativa.

A aplicabilidade da CN relacionada aos grupos de fatores foi menor que 50% considerando as subdivisões de tais grupos, a exemplo da variável sexo, em que o sexo feminino aplicou a variável em 35.7% dos sintagmas nominais encontrados, e o masculino em apenas 18.6%, ocasionando na maior utilização da não concordância. Somente na variável posição do vocábulo dentro do sintagma nominal, houve permanência da CN em mais de 50%, no tópico posição inicial, que teve a marca de 70%.

Sendo assim, acreditamos que os educadores, em especial os de língua portuguesa, precisam compreender como funciona o sistema linguístico da região em que atuam, para que assim possam buscar formas para facilitar o processo de ensino e aprendizagem de seus alunos. Sabemos que muitas escolas ainda estão com o olhar voltado para as normas da gramática normativa, esquecendo que na sociedade existem outras possibilidades de uso da língua que não seja a padrão, o que pode gerar preconceito linguístico, e conseqüentemente, afetar a aprendizagem dos estudantes.

REFERÊNCIAS

BECHARA, E.: **Moderna Gramática Portuguesa**. 37 ed. Ver., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CEGALLA, D. P. Sintaxe de Concordância Nominal. In: **Novíssima Gramática da Língua Portuguesa**. 48 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008, p. 438-482.

BESERRA, A. C. S. A importância das variáveis sociais na formação do perfil linguístico do falante pessoense. In: HORA, D. (Org.) **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. Santa Maria: Pallotti, 2004, p. 259-271.

BORTONI-RICARDO, S. M. **A Manual de Sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2014.

HORA, D.; PEDROSA, J. L. R. **Projeto variação linguística no Estado da Paraíba**. João Pessoa: Ideia, 2001.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. (Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre & Caroline Rodrigues Cardoso). São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, L. O. J. **A concordância nominal de número no português fala na zona rural de Santa Leopoldina/ES**. Dissertação em linguística - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014. Disponível em: <
http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_7770_Disserta%E7%E3o%20-%20Lays%20Lopes.pdf> Acesso em: 13 nov. 2017.

MARTINS, F. S. **Uma abordagem sociolinguística da concordância nominal de número no falar dos habitantes do município amazonense Benjamin Constant**. *Working Papers em Linguística: Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLg)*, Florianópolis, v.11, 2010. Disponível em: <
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2010v11nespp45>> Acesso em: 21 nov. 2017.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Org.). **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2015.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S. & SMITH, E. **GoldVarb X**: a variable rule application for Macintosh and Windows. Department of Linguistics. University of Toronto, 2005.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.

SILVIA, M.C.P.de S e.; KOCH, I. V. Organização e Constituição da Frase. In: **Linguística Aplicada ao Português: Sintaxe**. 10 ed. São Paulo: Cortez, 2001, p.11-47.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle**: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SCHERRE, M. M. P; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: RUFFINO, G. (Org.) **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística**. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza). Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1998, p: 509- 523. Disponível em: < <http://www.ai.mit.edu/projects/dm/bp/scherre94-number.pdf>> Acesso em 15 nov. 2017.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO PARA ENTREVISTAS

- 1) Qual é o seu nome?
- 2) Quantos anos você tem?
- 3) Em que cidade você nasceu?
- 4) Poderia contar algum fato/situação da sua vida que lhe marcou?
- 5) Já passou por uma situação perigosa, com risco de morte?
- 6) Qual a sua opinião a respeito do aumento frequente dos preços de gás de cozinha, de energia elétrica, dos alimentos etc.?
- 7) Quais suas lembranças da época do nascimento do(s) seu(s) filho(s)?
- 8) Como você imagina sua vida daqui a uns 10 anos?
- 9) Quando criança com que brincadeiras gostava de se divertir?
- 10) Concorda com a legalização do aborto? Por quê?
- 11) Quais lembranças você tem do seu tempo de estudante?
- 12) De que melhorias você acredita que seu bairro necessita?